

EDITORIAL

Erinaldo Vicente Cavalcanti¹ 

Geovanni Gomes Cabral² 

Karla Leandro Rascke³ 

Marcus Vinicius Reis⁴ 

Nos últimos meses temos assistido, em diferentes meios de comunicação e redes sociais, múltiplas notícias e atualizações constantes sobre incêndios de distintas proporções que tomam conta de áreas inteiras na Amazônia e no Pantanal, destruindo vegetações, animais e sonhos. Nosso ar, nossa terra e nossa água sofrem com as (in)consequências do descaso humano e de suas atitudes perante sua própria existência.

Vivenciamos a exaustão da natureza e o pouco cuidado com nossa própria existência enquanto humanidade e o desrespeito às vidas que são culturalmente diferentes das matrizes ocidentais. No trato com a alteridade e, de forma específica com as histórias dos povos indígenas, é oportuno destacar a ressalva feita por Ailton Krenak. Para ele, “o que está na base da história do nosso país [...] é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza” (KRENAK, 2019, p. 41).

Ao mesmo tempo em que temos embates envolvendo a forma como lidamos com a natureza, a história de nosso país, e como ela tem sido ensinada, pode contribuir com renovações, mudanças e transformações, em perspectivas capazes de permitir que diferentes populações e suas relações homem-natureza, inclusive, possam se reelaborar. A educação, assim como tantos outros direitos humanos, envolve uma humanidade, um compromisso político e social. Nesse sentido o ensino não pode ficar à parte dessas questões sensíveis, problemáticas e urgentes!

Conforme apontamentos de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010), o conhecimento é uma construção e sua validade permite que determinada prática ou experiência social torne-se inteligível. A universidade e a escola, enquanto

¹ Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST/Unifesspa). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

² Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Diretor da Faculdade de História (FAHIST/Unifesspa). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

³ Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Editora da *Revista Escritas do Tempo*.

⁴ Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

espaços de produção de ciência e conhecimentos considerados válidos, podem consistir “em ampliações de diálogos e reciprocidade com saberes outros, oriundos de vivências e experiências múltiplas e nem sempre legitimadas pelos chamados conhecimentos científicos” (SANTOS; MENESES, 2010).

O dossiê intitulado “Ensino de História, livro didático e formação docente” oportuniza a cada leitor e leitora repensemos questões, produções, instituições e práticas educativas. Saberes e fazeres vinculados ao ensino de História, à formação e à atuação docente, bem como problematizações teóricas e metodológicas evidenciam temáticas e preocupações de historiadores e historiadoras com o ensino. Distintas perspectivas, pluralismos epistemológicos e múltiplas visões de mundo possibilitam articular saberes e constituir novos olhares sobre o ensino e suas práticas.

O ensino de História constitui possibilidade para saberes, fazeres, emanação de vozes que se pronunciam e que nem sempre estamos habituados a ouvir, reconhecendo códigos culturais enunciados pelos sujeitos históricos ditos como “outros”. Acreditamos ter nos debates constantes nos artigos desse dossiê, reflexões sobre sentidos, expectativas e visões de mundo para além de além de percepções e leituras únicas ou hegemônicas que fazem parte de seu contexto social.

Compete destacar, ainda, que as valiosas contribuições desse dossiê possibilitam a ampliação de debates, abordagens e metodologias no âmbito das temáticas que perpassam produções sobre livros didáticos, formação docente e ensino de História. Diferentes pesquisadores e pesquisadoras se debruçaram sobre fontes históricas amplas e diversas para produzir reflexões historiográficas atuais e ancoradas em consistentes procedimentos teórico-metodológicos. Agradecemos aos historiadores Erinaldo Vicente Cavalcanti, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e Helenice Rocha, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pela organização desse dossiê.

Por fim, salientamos aos leitores e/ou aos interessados em ser autores que a *Escritas do Tempo* recebe artigos em fluxo contínuo e tem lançamento de um novo número a cada quatro meses, seguindo seu calendário e procedimentos que envolvem a avaliação, a revisão e a editoração dos manuscritos. Esperamos contar sempre com a colaboração e o interesse de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do exterior que pretendem divulgar suas pesquisas, beneficiando a sociedade com textos científicos atuais, pautados em saberes e experiências sociais e nas práticas culturais, políticas e estéticas dos diferentes grupos humanos e seus viveres.

Sejam todas e todos convidados à leitura!

Referências

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.